

LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS: REFLEXÕES AINDA NECESSÁRIAS

Vivemos tempos inquietantes em que recrudescem no mundo perspectivas excludentes e em que a democracia é constantemente atingida. Nesse cenário, as desigualdades educacionais mantêm 110 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, dentre os quais 59% são mulheres, fora das culturas do escrito.¹ No Brasil, embora as taxas absolutas de analfabetismo estejam em queda – 8% segundo o último censo² – os resultados de diferentes avaliações em larga escala, como o *Programme for International Student Assessment* (PISA – OCDE) e a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA - INEP) apontam índices alarmantes. O último PISA, realizado em 2015, coloca a performance dos estudantes brasileiros de 15 anos na 59ª colocação em leitura, resultado que revela estagnação desde 2000³. Na prova ANA, realizada em 2016, a qual avaliou estudantes do terceiro ano do ensino fundamental, 54,73% dos estudantes apresentaram nível insuficiente, sendo que 34% dos avaliados não demonstraram ser capazes de escrever de forma legível. Ainda que seja preciso analisar tais resultados com cautela, tendo em vista as concepções e os pressupostos ideológicos que marcam sua estrutura e aplicação, é certo que não podemos ignorá-los.

Com o dossiê temático *Letramentos, alfabetização e práticas socioculturais: reflexões ainda necessárias*, o número 11 da *Pensares em Revista* busca contribuir para a construção da equidade educacional e de formas de resistência aos processos de desumanização. As contribuições de pesquisadores de destaque nesse campo de estudos, não só no Brasil, mas também no exterior, reunidas nesse dossiê, permitem-nos considerar que se trata de um número especial em termos de afirmação da importância das pesquisas aplicadas à educação básica, considerando-se a diversidade de perspectivas teóricas e de práticas educacionais/formativas nele contempladas. Entendemos que os artigos aqui apresentados se complementam, dialogam entre si e até dissonam em alguns aspectos, formando um amplo painel de

¹ <https://data.unicef.org/topic/education/literacy/>

² <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>

³ http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf

pesquisas que se espalham por diferentes regiões do país e constroem um interessante caleidoscópio.

Em *Lendo pelo olho mágico*, Maria Cecília Mollica, Andreia Quadrio, Hadinei Batista, Mariangela Maia e Marisa Bezerra Leal problematizam, numa perspectiva transdisciplinar, a leitura mediada pela web. Os autores discutem como o acesso à informação, ampliado ao paroxismo pela cibercultura, pode ser tanto veneno, quanto cura em tempos de pós-verdade.

No segundo artigo da coletânea, *Olhares subjetivos para a alfabetização*, Francisco Renato Lima e Maria Angélica Freire de Carvalho discutem a relação entre alfabetização e subjetividade, compreendendo aprendizagem da escrita como “abertura para um vir-a-ser” que impacta a identidade da criança. Sob essa perspectiva, refletem acerca de práticas pedagógicas de alfabetização.

Os dois textos seguintes abordam a formação de professores alfabetizadores. Tascieli Feltrin, Suyan Barcellos Dutra e Helenise Sangoi Antunes discutem no artigo *A Formação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)* os resultados de uma proposta de autoavaliação realizada com professores formadores do PNAIC na cidade de Santa Maria – RS, analisando as concepções desses sujeitos acerca do programa e buscando mapear fragilidades e potencialidades do trabalho desenvolvido na região central do Rio Grande do Sul. Já Gabriela Medela da Silva e Marcia Lisbôa Costa de Oliveira, autoras de *Sobre pedras no meio do caminho: teorias de alfabetização e práticas de letramento na formação de professores*, discorrem sobre a “desinvenção da alfabetização” (SOARES) e propõem um modelo de formação de professores contínuo, sistemático, situado e plural que abra espaços para a autonomia e a autoria dos alfabetizadores.

Em *Formação de leitores na escola: a leitura literária em voz alta como estratégia para alfabetização*, Valéria Cunha dos Santos e Ana Paula Oliveira Santana refletem sobre a experiência exitosa do projeto de letramento intitulado *Show de leitura*, realizado em uma escola básica da Rede Municipal de Educação de Florianópolis (SC), que incluiu estudantes do primeiro e do oitavo ano do ensino fundamental e defendem que as práticas escolares de leitura e escrita devem contribuir para a ampliação e a ressignificação das *práticas de letramento* dos alunos.

Na sequência, mergulhamos no campo estético-literário. Em *A leitura e apropriação do literário em “A menina que não sabia ler”*, Márcio Araújo de Melo, Andreia Nascimento Carmo e Valdivina Telia Rosa de Melian analisam as representações da leitura e as funções do literário no texto de John Harding, enfocando a apropriação do texto literário ficcionalizada na experiência da personagem-narradora. Pensando a sala de aula, Jéssica Gonçalves da Silva, Ana Carolina da Conceição Figueiredo e Kátia Nazareth Moura de Abreu apresentam em *Conto “negrinha” à luz do letramento crítico: uma experiência sobre identidade no Projeto Mais Educação* uma prática pedagógica que articula conceitos advindos da Estética da Recepção aos princípios do letramento crítico.

O artigo *Para além do campo da visão: materiais complementares para a educação de crianças cegas e de baixa visão*, de Elizabeth Motta Jacob apresenta cinco projetos de criação de material grafo tátil para crianças cegas e de baixa visão reconhecendo-as como sujeitos com plena capacidade de aprendizagem e buscando colaborar para a sua plena inclusão na sociedade.

O nono artigo, intitulado *Formação escritora dos professores que ensinam a escrever: entraves, motivações e construção de práticas de produção textual*, de Érica bastos da Silva, retoma o tema da formação de professores e, considerando motivações e desmotivações para escrever, destaca a importância da incorporação de práticas cotidianas de escrita pelos docentes.

As entrevistas apresentadas nesse número trazem convidados mais do que especiais, que dispensam apresentações: a professora Cecília Goulart, Bill Cope e Mary Kalantziz. Com suas densas considerações, esses três pesquisadores de destaque no campo da alfabetização e dos letramentos nos impelem a repensar conceitos e percepções.

Agradecemos às professoras Rosaura Baião, Victoria Wilson e Alessandra Fernandes pelos convites e entrevistas que adensaram as reflexões enfileiradas no dossiê e aos colegas que escolheram a *Pensares em Revista* como veículo de divulgação de suas pesquisas e nos permitiram cumprir a proposta do dossiê. #UERJRESISTE

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

Andréa Rodrigues

Maria Betânia Almeida Pereira